



CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA COMPARADA

**ENTRE AMORES E TRAIÇÕES:  
DUAS FACES DO ADULTÉRIO EM ROMANCES DO REALISMO**

Marilia Silva A. Porpino

Guarabira/PB  
2013

MARILIA SILVA A. PORPINO

**ENTRE AMORES E TRAIÇÕES:  
DUAS FACES DO ADULTÉRIO EM ROMANCES DO REALISMO**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Especialista em Literatura Comparada pela Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Departamento de Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra

Guarabira/PB  
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

P837e Porpino, Marília Silva Anízio.

Entre amores e traições [manuscrito]: duas faces do adultério em romances do Realismo / Marília Silva Anízio Porpino. – 2013.  
45 f.

Digitado.

Monografia (Especialização em Literatura Comparada) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Departamento de Letras”.

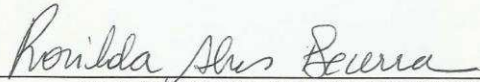
1. Análise literária. 2. Representação de gênero. 3. Mulher. I. Título.

21. ed. CDD 305.4

MARILIA SILVA A. PORPINO

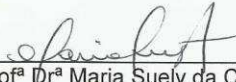
**ENTRE AMORES E TRAIÇÕES:  
DUAS FACES DO ADULTÉRIO EM ROMANCES DO REALISMO**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Letras, na Universidade Estadual da Paraíba, como exigência para a obtenção do grau de Especialista em Literatura Comparada.



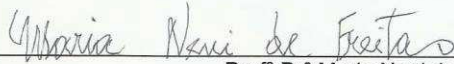
---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosilda Alves Bezerra (UEPB)  
(Orientadora)



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Suely da Costa (UEPB)  
(1<sup>a</sup> Examinadora)



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Neni de Freitas  
(2<sup>a</sup> Examinadora)

Guarabira/PB  
2013

## AGRADECIMENTOS

**Ao meu esposo**, Genilson Porpino da Costa, por toda a paciência e dedicação, sem o qual não teria conseguido concluir esta etapa de uma jornada que desejo prosseguir.

**Aos meus filhos**, Bruno, Anielle e Priscila, pela compreensão e apoio nas horas em que mais precisei. Em especial a Anielle, pela ajuda com as atividades que precisavam ser feitas com o uso do computador.

**Aos professores**, por compartilharem conosco seus conhecimentos e nos ajudarem a trilhar o caminho das descobertas e das escolhas. Em especial à professora Rosilda Alves Bezerra, por ter me ajudado a sair da caverna e me apresentado o caminho da luz, das ideias. Espelhando-me na sua independência, força e coragem, encontro incentivo para prosseguir na minha jornada acadêmica literária.

**Aos colegas**, Pelos incentivos em momentos que achávamos que não íamos conseguir, pelas brincadeiras nas horas mais cansativas, pela força e carinho tão especiais que aprendemos a sentir uns pelos outros.

**A deus**, a luz que ilumina sempre o nosso caminho, nos mostrando que todas as possibilidades podem nos levar à vitórias, se acreditarmos e nunca desistirmos dos nossos sonhos.

## RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a construção das personagens Luísa e Ema, as quais são protagonistas dos romances *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Em um primeiro momento, nos preocuparemos com aspectos relevantes à condição feminina mostrados na literatura. Para isso, faremos uma análise intencionando evidenciar de que forma a literatura tem retratado a figura feminina. Outros pontos a serem discutidos neste estudo são as características do realismo literário e suas influências no comportamento das personagens, como também na vida dos habitantes do século XIX. Por último, faremos uma comparação entre as obras, nas quais destacaremos os principais elementos encontrados nos respectivos romances, o que possibilitará perceber a existência de uma relação entre estas.

**Palavras chaves:** Literatura. Mulher. Adulterio. Sociedade.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	07
<b>1 A CONDIÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX</b>	09
1.20 PERFIL FEMININO NO PERÍODO REALISTA	12
<b>20 PRIMO BASÍLIO E MADAME BOVARY: ENTRE AMORES E TRAIÇÕES</b>	23
2.1 EMMA E LUÍSA: MULHERES FICTÍCIAS, REPRESENTAÇÃO DALITERATURA REALISTA	28
2.2EMMA: SUA BUSCA, SEU IMAGINÁRIO	30
2.3 LUÍSA, MISTO DE INOCÊNCIA E SENSUALIDADE	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	40
<b>REFERÊNCIAS</b>	44

## INTRODUÇÃO

Nas obras escolhidas, a fim de realizarmos este estudo, percebe-se uma análise comportamental de uma sociedade a qual tem suas bases construídas sobre falsos conceitos, características estas severamente criticadas pelos autores dos romances referenciados. Sabe-se que *Madame Bovary* serviu de inspiração a Eça de Queirós para a criação de *O primo Basílio*, porém em relação às protagonistas, observa-se certas peculiaridades que as diferenciam e as tornam personagens donas de características próprias, no decorrer desta pesquisa buscaremos evidenciar com a finalidade de detalhar aspectos que, ao mesmo tempo em que aproximam as personagens principais da trama, também as distanciam devido as suas personalidades distintas.

Mediante as transformações ocorridas no campo científico surgem teorias que se contrapõem às ideias românticas. O século XIX é o cenário desta nova modalidade literária, a qual se consubstancia, instala-se definitivamente frente à publicação do romance de Gustave Flaubert em 1857, *Madame Bovary*.

As teorias evolucionistas de Darwin, em aliança aos preceitos filosóficos de Schopenhauer, acreditavam nos determinismos morais que submetia o homem, esses pensamentos inovadores atuaram como suportes para as doutrinas realistas. A representação da realidade foi o ponto principal da prática realista, seus defensores acreditavam que a natureza do homem era determinada por acontecimentos alheios a sua vontade. Nas obras surgidas neste período, os protagonistas se chocam com as condições que lhes



rodeiam, as forças do meio, sendo determinantes e insuperáveis, triunfam sobre a vontade do sujeito.

Eça de Queirós consegue adaptar eficientemente à sociedade portuguesa o seu romance, O autor evidencia e destaca o caráter de Luísa, revelando que esta seria a representação da sociedade lisboeta. Todos os personagens da narrativa contribuem com a crítica severa formulada pelo autor, direcionada a burguesia portuguesa do século XIX.

Interessa-nos observar quais motivos levaram as personagens a adulterarem em seus casamentos, assim como reconhecer os traços distintivos e de aproximação dentro das obras. Percebe-se a fragilidade de Luísa sobre as consequências de seus atos. Emma era mulher instruída, buscava em suas aventuras amorosas uma fuga diante de sua decepção quanto à atuação de mediocridade social e profissional de seu marido. Luísa não tinha intenção de trair, um dos motivos que justifica essa atitude, segundo estudiosos, é a deficiente educação que recebera, como também, sua própria sensualidade.

Sabe-se que o romance *O primo Basílio*, assim como *Madame Bovary*, vinte e oito anos antes, escandalizou duas sociedades: a portuguesa e a brasileira. Nas duas nações de língua portuguesa a obra foi injuriada e repudiada. Moralistas conservadores da época julgavam a posição do autor, diziam não enxergar uma condenação ao comportamento pecaminoso da heroína adúltera. A reprovação de *O primo Basílio* aconteceu principalmente devido ao ataque contra a família portuguesa.

## 1A CONDIÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX

Nos romances pesquisados as protagonistas Luísa e Ema formam o eixo central das tramas, Eça de Queirós, assim como Flaubert, constroem posicionamentos contrários à educação feminina de suas épocas as quais enfrentavam uma total exclusão da vida pública. Setores como comércio, indústria, política, eram restritos aos homens e quanto à literatura, lhes era permitido ter acesso aos romances, o que para os autores mencionados as prejudicavam, pois suas vidas se resumiam em mesclar suas realidades aos desvãos amorosos vividos pelas heroínas dos livros que embalavam suas monótonas existências.

As obras enfatizam claramente a distinção entre os espaços reservados a cada sexo: à mulher cabia o privado como o lar e o homem atuava nos vários setores sociais citados. Pode-se entender que o perfil feminino neste período era moldado pelas leituras realizadas o que demonstram vários episódios das narrativas estudadas. Luísa possuía uma personalidade sonhadora e romântica, como leitora chegava a chorar, tão grande era a identificação com as personagens que povoavam sua imaginação.

Essa identificação de Luísa com a ficção romântica, levando-a à incapacidade de separar a fantasia da realidade, é uma das causas do adultério na medida em que Basílio se aproveita dos sonhos da prima no processo de sedução. Não apenas os devaneios de Luísa com aventuras amorosas, mas também o desejo de evadir-se no espaço, de conhecer os lugares descritos no romance – a Escócia e, sobretudo, Paris – auxiliam Basílio nos seus planos de conquista. [...] (BELLINE, 1997, p. 522).

Para Belline (1997), a não participação nos acontecimentos sociais da época, fazia com que a mulher não desenvolvesse um senso crítico capaz de lhe ajudar a distinguir fantasia da realidade, o espaço doméstico tornava-se uma clausura, restando a essa como forma de ganhar um pouco de liberdade, o hábito da leitura que lhe permitia desempenhar papéis que a ela sempre seriam negados, proporcionava conhecer diferentes lugares, quando a ela lhe era permitido transitar livremente apenas em seu lar, onde deveria manter a ordem e torná-lo acolhedor, aconchegante à família e aos visitantes que ali chegassem.

É de fácil percepção nas obras o moralismo exacerbado da época, esse comportamento social é repassado pelos autores, principalmente, no final das narrativas quando as protagonistas são punidas com a morte, confirmando assim o pensamento de que o adultério, uma mácula imperdoável, considerada uma mancha na instituição mais preservada pelas famílias da época, o casamento, não poderia ser perdoado. Ao marido era dado o direito, em nome da honra, de dar fim a vida da esposa adúltera. Tanto em *O primo Basílio* como em *Madame Bovary*, as personagens principais, transgressoras de uma sociedade moralista do século XIX, têm a morte como pagamento pela vida desregrada, comportamento inaceitável a uma sociedade admiradora da moral e dos bons costumes.

Como um importante representante artístico da literatura surge Gil Vicente (1465-1536), considerado o pai do teatro português. A obra Vicentiniana é formada por uma escrita crítica, irônica, voltada para a sociedade e seus desmandos, combatendo o clero e outros segmentos sociais enfrentados por ele. Entre os temas abordados pelo autor, percebe-se a

situação feminina e para fazer alusão a mesma, destacamos entre os escritos do autor, *A farsa de Inês Pereira*, por ser uma obra que satiriza e enfatiza a condição da mulher na sociedade do século XV e como esta se comporta frente a uma vida de imposições, confinamentos, cobranças.

Que tão mau é de aturar! Oh, Jesus, que enfadamento e que raiva e que tormento, que cegueira e que canseira! Eu hei de buscar maneira de algum outro aviamento. Coitada! Assim eu hei de estar encerrada nesta casa como panela sem asa, que está sempre num lugar? [...] E assim hei de estar cativa em poder de desfiados? [...] Já tenho a vida cansada [...] Esta vida é mais que morte. (VICENTE, 2003, p.19-20).

Nesta passagem percebe-se uma Inês inconformada com sua realidade, comportamento este inconcebível para uma época em que a mulher teria que se satisfazer com afazeres domésticos, em uma vida enclausurada, longe das diversões proibidas ao feminino. Devido a sua inexperiência, a garota acreditava poder mudar o seu destino encontrando um marido que a amasse e desta forma lhe salvasse da monotonia a ela reservada. No entanto, o casamento lhe frustrou todas as expectativas, lhe dando a verdadeira menção do que era esperado para a mulher de sua época. O enlace com Escudeiro lhe revelou que a sociedade medieval delegara à mulher um caráter submisso ao homem em todos os sentidos, esta seria sempre humilhada em sua vida por pertencer ao sexo considerado inferior. Seu marido era tudo aquilo que ela repudiava, confinou-lhe a uma vida considerada por ela como sendo pior que a morte.

Na metade do século XVIII, iniciou-se o Romantismo. Primeiramente na Alemanha e Inglaterra, tendo seu auge em 1789 com a Revolução francesa, perdurando até o fim do século XIX. Alguns artistas surgem nesta época

anunciando uma nova proposta literária, recriando em suas obras uma nova maneira de expressar sentimentos e emoções de uma forma pessoal, a esse novo estilo artístico denominou-se como Romantismo.

A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcaica, decorativa. Ela significa e revela. Prefere-se a noite ao dia, pois a luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação. (BOSI, 1991 p.93).

Na segunda metade do século ocorreram alguns episódios históricos, que contribuíram para o fortalecimento do movimento romântico: O crescimento da área industrial, o surgimento de novas classes sociais, esses acontecimentos foram fundamentais à essa recém nascida forma de expressão artística, a qual construiu posicionamentos direcionados a sociedade, através dos recentes pensamentos que fundamentavam-se. Estes fatos levaram Coutinho (1999) a firmar que a imaginação e o sentimento, a emoção e a sensibilidade conquistam, aos poucos, o lugar que era realidade conturbada e fez nascer um mundo imaginário o qual permitia encontrar soluções no convívio com a solidão e outros sentimentos hora propagados.

## O PERFIL FEMININO NO PERÍODO REALISTA

O Realismo foi um movimento surgido em um conturbado momento da história, época de inovações, renovações em diferentes áreas. Tendências políticas, filosóficas, literárias. Pode se considerar que o Realismo se fortaleceu por possuir como uma de suas características principais o oposicionismo às ideias românticas as quais lideravam os pensamentos do século XIX.

Em Portugal, o início do movimento se deu devido à Questão Coimbrã, teve como principais defensores, Antero de Quental e Eça de Queirós. A publicação de uma obra em Coimbra, a qual possuía características de combate às hipocrisias sociais praticadas pelos moradores portugueses da época, recebeu o nome de *Odes modernos*, foi severamente criticada pelos representantes do Romantismo e serviu como pontapé inicial aos debates sobre comportamentos e costumes preservados pela sociedade moralista deste tempo.

As obras como *Madame Bovary* e *O primo Basílio* traçam o perfil feminino como sendo de mulheres ociosas, insatisfeitas com suas realidades e sempre encontrando escapes em amores fora do casamento, utilizando o adultério como meio de viver aventuras amorosas e realidades impossíveis. Retratando o posicionamento moralista e hipócrita da sociedade da época, os escritores realistas quase sempre delegavam às protagonistas finais trágicos como forma de punição por seus atos pecaminosos, inaceitáveis às famílias religiosas, zelosas pelas aparências de uma moralidade reinante em cada lar habitado por pessoas que fingiam viver uma existência de perfeição e integridade. O fragmento a seguir nos dá uma clara dimensão desse castigo reservado àquelas que transgrediam os preceitos religiosos da época:

O padre levantou-se para pegar o crucifixo; então ela esticou o pescoço, como alguém que está com sede, colando os lábios no corpo do homem-Deus, depositou nele, com toda a sua força expirante, o maior beijo de amor que jamais dera. Depois ele recitou o *misereatur et indulgentiam*, mergulhou o polegar direito no óleo e começou suas unções: primeiro, os olhos, que haviam cobiçado tantas suntuosidades terrestres; depois, as narinas, apreciadoras de brisas mornas e perfumes amorosos; a seguir, a boca, que se abria à mentira, que gera de orgulho, e gritara na luxúria; depois da boca, as mãos, que se deleitaram com contatos suaves e, enfim, as plantas dos pés,

tão rápidos outrora quando ela corria para saciar seus desejos e que agora não mais andavam.(FLAUBERT, 2010, p.311).

O Realismo apresentava características ideológicas. Permeado por um caráter político e social, apresentava uma linguagem voltada à denúncia dos problemas concernentes à sociedade da época. O movimento realista surgiu na segunda metade do século XIX, também se desenvolveu no âmbito artístico e cultural. Sua principal característica seria o questionamento de temas sociais, assim como o enfrentamento objetivo da realidade humana.

Os defensores do movimento se apoderavam de uma linguagem límpida, agiam diretamente no âmago da questão, se contrapondo desta forma ao subjetivismo romântico. De maneira esclarecedora, os romances escritos neste período abordam temas chocantes direcionados à sociedade da época. Criticam comportamentos, instituições, hipocrisias sociais, utilizando para isso a literatura e outras artes como ferramentas de combate aos preconceitos e posturas abusivas, revestidos por um discurso objetivo e decisivo.

As obras surgidas no período realista são várias, porém *Madame Bovary* é tida como matriz do realismo literário, como também *A relíquia*, *O primo Basílio*, *Anna Karenina*, *Guerra e paz* e outras, aparecem como obras importantes da estética realista. Entende-se, portanto, que o realismo foi uma reação de revolta contra as ideias românticas disseminadas até então. As transformações necessárias à sociedade europeia exigiam novos comportamentos, frente a essa nova realidade, não seria mais possível admitir as idealizações românticas, ainda que alguns resistissem às inovações propostas. Essa manifestação literária passa a perceber os indivíduos como detentores de significados dentro das narrativas, as quais representam as

ideias de seus grupos, enquanto nas obras românticas, os princípios da realidade refletem os sentimentos fantasiosos permeados pela impotência alienada.

O romance realista busca observar e analisar psicologicamente personagens de atitudes contraditórias, afastando-se das atuações subjetivas, românticas, sonhadoras. Privilegia e observa o indivíduo em suas relações com o momento histórico e o meio em que vive. Desde o início os realistas reagiram violenta e hostilmente contra tudo que se identificava com o Romantismo. Antirromânticos confessos pregavam e procuravam realizar a filosofia da objetividade.

Para alcançar concentrar-se no objeto, tinha que destruir a sentimentalidade e a imaginação romântica a trilhar a única linha de acesso a realidade objetiva: a razão, ou a inteligência. Eram, portanto, racionalistas, o que tornava o racionalismo a segunda grande característica do movimento. (MOISÉS,2004, P.166).

O movimento realista, também chamado de nova literatura, emergiu em Portugal através de jovens estudantes os quais questionavam a academia, a sociedade, a crença, a literatura. O grupo de estudantes que encabeçou a revolução recebeu o nome de “A geração de 70”. Um dos aspectos que desperta atenção quanto a origem dessas manifestações intelectuais é o compartilhamento das mesmas insatisfações entre os jovens estudantes, em relação a comportamentos, posicionamentos sociais da época

As obras publicadas nesse período traziam em suas linhas e entrelinhas, o desejo de combater o romantismo alienado, segundo os defensores do estilo literário que hora ganhava força e adeptos, não fazia mais



nenhum sentido, visto que os problemas da sociedade pediam uma postura revolucionária, a qual enfrentasse práticas religiosas, políticas, sociais. Apenas dessa forma se conseguiria as transformações almejadas. Os jovens escritores, divulgadores dessa nova consciência, foram criticados e ridicularizados pelos líderes da geração romântica, afirmavam que os mesmos carregavam o propósito de usarem suas escritas para, de maneira obscura, espalhar temas que nada tinham de poéticos. A polêmica rendeu muitos frutos, angariou autores influentes ao movimento, o que fortaleceu o grupo idealista.

Diante das conclusões encontradas e das análises dos acontecimentos no decorrer das obras de Gustave Flaubert e Eça de Queirós, entendemos que as obras comprovam o pensamento de Proença Filho:

O herói realista é uma vontade em choque com o mundo e acaba vencido por ele, pois afinal, como quer a concepção realista, o homem não tem sobre os outros seres quaisquer privilégios: está sujeito às mesmas leis da evolução. (PROENÇA, 1994, p.210).

Na prosa, Eça de Queirós aparece como um defensor de novos anseios literários e constrói em seus romances, personagens emblemáticos, os quais, através de ações, comportamentos, tendem a despertar na sociedade portuguesa da época, o desejo de repensar as hipocrisias disfarçadas que há muito vivenciavam em suas tradições.

A nova literatura, o realismo como nova expressão da arte, em que faz a crítica do romantismo e da arte pela arte e recomenda o realismo como a arte que nos pinta os olhos. Grita abaixo os heróis! E insiste nas circunstâncias de que o homem é o produto. (SARAIVA, 1999, p. 127).

No romance *O crime do padre Amaro*, de 1876, o autor retrata a vida clerical e sua influência sobre a sociedade de uma cidade provinciana. Toda a trama é voltada para a temática da religiosidade e seus malefícios camuflados. Outro tema recorrente na narrativa é a pressão das oligarquias, como também a condição da mulher do século XIX. Em *o primo Basílio* (1878), Eça de Queirós questiona os valores das famílias lisboetas da época; o casamento, a fidelidade conjugal, a educação feminina. Emite sérias críticas a uma sociedade que limita a educação da mulher e a restringe às leituras de romances, os quais lhe proporcionam uma fuga de sua vida tediosa, embasada em delírios amorosos opostos à sua realidade, uma leitura que exalta os valores românticos e desperta o desejo impossível levando ao adultério, ao final da trama pune com a morte aquela que foge das regras da moralidade exigida por uma sociedade conservadora de seus bons costumes. *Os Maias* (1888), nesta obra o autor cria uma narrativa alusiva à geração de 70, no tocante a recriar ali um ambiente social capaz de diagnosticar os problemas da pátria. Em “os *Maias*” o escritor abandona as questões da vida portuguesa e alcança, de forma mais abrangente, meios de combater os resquícios do romantismo, o que em sua opinião, seria prejudicial ao desenvolvimento social.

Através das vivências de seus personagens e da narrativa criada para gerar possibilidades de demonstrar seus posicionamentos realistas, Eça de Queirós defendeu com maestria suas ideologias, demonstrou, através de sua escrita, as propostas do novo estilo literário, sua contribuição e preceitos realistas na literatura. Diante desses fatos, afirma Proença:

Os escritores realistas procuram uma nova visão de mundo e assumem posturas parecidas a dos homens da ciência. Existe em suas obras uma preocupação com a verdade, mas uma

exata através da observação e da análise da realidade (PROENÇA, 2001, p. 160).

Como o próprio nome sugere, essemomento da história da literatura, se refere a realidade, a condição existencial humana sem fantasias nem aparatos que amenizem os defeitos de uma sociedade disfarçada. O contexto político, social e econômico, as transformações nas áreas industriais, necessitavam de atitudes também revolucionárias, evolutivas. Os autores deste período descreveram o momento histórico através de suas obras, dando vida a personagens em suas tramas, baseados em pessoas reais, de seus cotidianos, as quais eram passíveis de fraquezas, erros, contradições.

Na linguagem, percebe-se que não a utilizava rebuscada, nem exacerbada. A preocupação quanto a estética da escrita era condicionada principalmente a uma abrangência maior, o objetivo realista residia no desejo de atingir a todas as camadas sociais, repassando seus ideais, os quais confrontavam os conceitos de uma sociedade burguesa moralista, conservadora. Gustave Flaubert dá início a uma conscientização social, política, comportamental, mediante a criação do romance *Madame Bovary*, o mesmo abriria as portas a outros trabalhos de autores que compartilhavam dos mesmos posicionamentos. Ao criar Ema, Flaubert chocou a sociedade de sua época, Bovary representava a figura de uma mulher igual a tantas outras que conviviam na classe média: mulher insatisfeita com sua vida medíocre, não se contentava com o pouco que lhe ofereceram para ser feliz.

Emma usava um roupão aberto, que deixava à vista, entre as dobras do corpete, um peitilho plissado com três botões dourados. Seu cinto era um cordão com borlas grandes, e suas pantufinhas de cor grená tinham um tufo de fitas largas, que se espalhavam sobre o peito do pé.

Comprara um mata borrão, papéis, um porta-penas e envelopes, embora não tivesse ninguém a quem escrever, tirava o pó de sua estante, olhava-se no espelho e pegava um livro, sonhando entre as linhas, deixando-o cair a seguir entre seus joelhos. Tinha vontade de fazer viagens ou de voltar a viver no convento. Desejava, ao mesmo tempo, morrer e morar em Paris. (FLAUBERT, 2010, P.66).

A protagonista procura no adultério a possibilidade de viver um amor incondicional e que este pudesse satisfazer os seus desejos, necessidades femininas, porém, desnudas de simbolismos ligados à pureza, santidade, inocência. A obra de Flaubert, assim como romances de Eça de Queirós e outros do estilo, incomodou a sociedade da época, pois lhe obrigava a admitir que a imagem da família perfeita, esculpida dentro dos parâmetros religiosos intocáveis, era muito frágil e poderia ser desmascarada ao se mostrar as mazelas que se esforçavam tanto para esconder, fingindo uma realidade que nunca existiu verdadeiramente.

Em Portugal, a tendência realista não significou só uma revolução literária em suas estruturas expressivas, representou uma busca pela libertação da postura romântica em que se encontrava o país. Os adeptos do novo estilo tentavam conscientizar para a modernidade, baseando-se para tanto, nos estudos científicos e filosóficos. O movimento, em contrapartida ao romantismo, se desvinculava do narrador, a valorização do ser como realmente é, as narrativas com traços objetivos são características do estilo que passava a se fortalecer, mediante a disseminação das novas ideias; o cotidiano era apresentado sem disfarces, alegorias atenuantes, fantasias.

No romance *O primo Basílio*, o autor utiliza um narrador onisciente que não se desliga inteiramente das personagens do enredo. A futilidade e a

hipocrisia social constituem uma descrição da instituição família no século XIX; nesta obra, Eça de Queirós critica a sociedade burguesa da época, analisa as mazelas urbanas, representadas em seu romance por um lar aparentemente perfeito, porém, edificado sobre falsas bases. O espaço usado a fim de criar o conflito é Lisboa, mais precisamente a casa de Jorge e Luísa, esta é também o cenário crítico por onde desfilam as personagens e suas condições sócioeconômicas, e estas são expostas, analisadas.

Ao crepúsculo, ao ver cair o dia, entristecia-se sem razão, caía numa vaga sentimentalidade; sentava-se ao piano, e os fados tristes, as cavatinas apaixonadas gemiam instintivamente no teclado, sob os seus dedos preguiçosos, no movimento abandonado dos seus braços moles. O que pensava em tolices então! E à noite, só, na larga cama francesa, sem poder dormir com o calor, viam-lhe de repente terrores, palpites de viuvez. (QUEIRÓS, 2008, p.37).

A narrativa realista descreve o drama de Luísa, mesmo vivendo em um casamento estável, condição esta ansiada pelas mulheres deste período, se entrega a uma paixão proibida; o autor não questiona o psicológico das personagens envolvidas, interessa-se pelos mecanismos sociais que influenciam suas ações, comportamentos, portanto, reflete criticamente quanto a organização da província portuguesa. O *primo Basílio* descreve uma problemática individual representando conflitos de uma sociedade. Através das questões coletivas, constrói críticas às idealizações românticas. As características do estilo realista se evidenciam na obra; o objetivismo, o repúdio ao subjetivismo romântico, o exagerado uso das descrições, dos adjetivos, tentativa de enfatizar a realidade das características, defeitos e virtudes das personagens.

Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar em uma banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música! Sacudiu a chinelinha; esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: - em meias de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em três guardanapos que a lavadeira perdera... (QUEIRÓS, 2008, p.9).

A partir do fragmento do romance, percebe-se o quanto ociosas e fúteis eram as mulheres da sociedade burguesa do século XIX. O sujeito feminino era condicionado a viver de sonhos, ilusões, tentando preencher seus dias monótonos, improdutivos; restavam-lhes copiar as astúcias de suas heroínas romanescas, idealizando uma vivência de amores arrebatadores, concretizando, através delas, tudo aquilo que lhes fora negado por fazer parte do gênero delicado, ao qual seria permitido apenas ações que não arranhassem sua reputação ilibada, propagada pelas família descendentes da sociedade portuguesa.

O romance de Eça de Queirós impactou a comunidade brasileira da mesma maneira que se deu em Portugal, muitas notas de leituras surgiram em repúdio à obra, que rechaçaram como imoral, realismo feroz e brutal; belo como obra de arte, mas péssimo como livro. Críticas emergiram em confronto ao romance português.

Nessa obra prima da literatura portuguesa moderna há uma pequena mancha, que não podem justificar nem as mais exaltadas ideias realistas. Há algumas páginas de uma tal imoralidade, de um tal desapego das mas comezinhas, princípios das conveniências sociais que não podemos eximir-nos de lastimar que o mesmo nome que assim tão grandes belezas sejam o mesmo que referenda tão repelentes obscenidades. Já não há aqui que discutir questões de realismo e de naturalismo, a questão agora, versa

simplesmente sobre os deveres da decência e do decoro. (apud NASCIMENTO, 2008, p.177).

Diante de tantas críticas direcionadas a obra de Eça de Queirós, percebe-se, através de notas de alguns críticos, que o comportamento de Luísa, ingênua e ao mesmo tempo sensual, apesar de romper com os padrões de comportamentos da época, desperta curiosidade no leitor e impressionam até mesmo os que já haviam lido *Madame Bovary*. Alguns literários diferenciavam as personagens em seus comentários:

Emma ora bolsa sobre o marido o seu desprezo e se refugia nos braços dos amantes, ora quer fazer dele alguém que mereça o fervor e lhe desperte os deliciosos frenesi da humilhação. O pobre Bovary é assim levado a sua aventura cirúrgica; Emma aguarda com toda a confiança dos seus sonhos o resultado da intervenção; e, quando a experiência fracassa, a decepção que a toma enche-a de razão: ai do vencido...Quanto a Luísa...Luísa vai ao paraíso quase sem muito discernir se irá encontrar-se com Jorge, se com Basílio. Quando está com a amante, pensa no marido e quando este regressa do Alentejo, recebe-o com o alvoroço de uma nova aventura. (SACRAMENTO, 2002, p.139).

A partir do comentário mencionado pelo crítico, pode-se compreender que um dos principais motivos para que a sociedade se escandalizasse mediante a publicação de *Madame Bovary* e *O primo Basílio*, se deu devido ao comportamento avançado das personagens, no que se refere a sexualidade feminina; ambas se permitiram sentir prazer em seus envolvimento extraconjugais. Esse comportamento afrontou e despertou os preconceitos arraigados como sendo ensinamentos morais da época.

Quanto aos autores dos romances citados, entende-se que uma das causas principais por terem sido repudiados pela sociedade foi a não observação por esta, de uma reprovação por parte dos mesmos, quanto a

conduta considerada pecaminosa, de suas protagonistas. Os dois autores possuíam uma vida desligada dos pensamentos de seus contemporâneos, segundo alguns críticos, pode-se até atribuir a esses comportamentos controversos, a polêmica criação das duas criticadas obras.

## **20 PRIMO BASÍLIO E MADAME BOVARY: ENTRE AMORES E TRAIÇÕES**

Gustave Flaubert nasceu em Rouen, na França, em 12 de dezembro de 1821, e morreu no dia 08 de maio de 1880. Filho de um cirurgião, chefe do hospital local. Cresceu em meio a um ambiente hospitalar e seus aparatos. Começou a escrever cedo, após ter sido reprovado nos exames para admissão no curso de Direito em Paris. Seu pai era totalmente contrário aos seus dons artísticos.

Após uma série de episódios trágicos em uma vida desestabilizada pelos acontecimentos, Flaubert passa a viver como aristocrata, junto a seus amigos e sua amante Elisa Schlesinger. Aos 29 anos decide se tornar escritor em tempo integral, até então, escrevera de forma indisciplinada, as obras: *Novembro* e *Memórias de um louco*. Conhece Louise Colet, com quem passa a se relacionar amorosamente durante os seus 25 anos seguintes, até a morte dela; passando a viver de forma reclusa na propriedade de sua família em Croisset, recebe o apelido de “o urso do Croisset”, nesta mesma época inicia a redação de *Madame Bovary*, trabalhou por cinco anos na construção do romance mais famoso de sua carreira, em um processo criativo, na incansável busca pelas palavras exatas, as quais expressassem no todo o que a obra requeria. Gustave deu vida a uma protagonista que fora repudiada socialmente, por comportamento controverso, inaceitável à comunidade burguesa da época.



No entanto, Ema Bovary recebera de Charles Baudelaire, o codinome de “mulher sublime”, a descreve como romântica e romanesca, a qual se vê presa a um casamento monótono e insosso. O romance foi publicado em folhetins no periódico *La revue* de Paris em 1856, recebendo o subtítulo de (*Moeurs de province*) Costumes do interior. No ano seguinte publica a mesma obra em um livro em dois volumes, pelo selo de Michel Lévy. O adultério, a fraqueza humana, o psicológico e o comportamento do homem, são temáticas exploradas na narrativa.

Imediatamente, após sua publicação, *Madame Bovary* angariou reprovação e admiração. Escritores como Victor Hugo, Baudelaire, Barbey d’Aurevilly e outros, reconheceram em Gustave Flaubert um mestre na arte da criação escrita, segundo eles, o romance revelava a sociedade coletiva objetiva e impessoalmente.

Em contrapartida, as classes conservadoras escandalizaram-se com a obra, consideraram desrespeitosa à conduta feminina tão propagada neste tempo de aparências. Flaubert foi acusado de ofender a moral e os bons costumes da sociedade francesa, devido a esse fato recebe um processo no tribunal de Paris, porém ao final é considerado inocente e tem o seu romance considerado como “Um monumento de palavras”, ou seja, é inocentado das acusações e ainda sai da situação, fortalecido.

Desde então, Emma Bovary é uma das personagens mais debatidas da literatura universal: ora é vista como sofredora que não consegue se livrar de suas amarras, ora como anti-heroína no mesmo patamar de Dom Quixote que habita em um mundo irreal, povoado pelos sonhos. A protagonista de Flaubert também é vista como matriz da linhagem de personagens como: Ana Karenina,

Luísa, ou Nora de Henrik Ibsen. Para Proust a obra de Flaubert é de grande importância literária, é considerada como escrita de ruptura, a qual deu início a obras de análises psicológicas e do qual *Madame Bovary* tem grande expressividade.

Ela repetia para si: “tenho um amante! Um amante!”, deleitando-se com essa ideia, como se fosse uma nova puberdade que estivesse lhe acontecendo. Possuiria enfim aqueles prazeres de amor, aquela febre de alegria pela qual sempre se desesperara? Começava algo maravilhoso em que tudo seria paixão, êxtase, delírio; uma imensidão azulada a cercava, os cumes do sentimento cintilavam sob seu pensamento e a existência ordinária não aparecia senão ao longe, lá embaixo, na sombra, entre os intervalos daquelas alturas.(FLAUBERT, 2010, P. 160).

Faz-se necessário que reflitamos sobre a história dos autores mencionados neste trabalho, no sentido de melhor compreendermos os seus posicionamentos e os motivos que os encorajaram a encabeçarem um movimento de transformações de ideias e costumes, posturas essas inaceitáveis à época. Visualizando por exemplo, a descrição histórica de Flaubert, é possível entender o porquê de sua simpatia pelo novo estilo, o autor vivia de maneira contrária aos padrões sociais referenciados pelas comunidades de seu tempo; não se importando com opiniões quanto ao seu comportamento, compartilhava seus dias reclusos com as amantes que conseguiam conquistar o seu coração e sua mente questionadora, comportamento este que o levou a trabalhar por longos cinco anos na criação daquela que seria a personagem mais controversa e paradoxal de todos os tempos.

Emma Bovary é sem sombra de dúvidas, a representação da humanidade em sua total plenitude, através de suas atitudes, decisões,

contradições, o autor a descreve e a coloca no patamar mais surpreendente do universo existencial, o ser humano afinal de contas é um misto de qualidades, defeitos, anseios, buscas, erros e acertos; características estas que despertaram no autor o desejo de confrontar uma sociedade que possuía uma visão unilateral em relação a comportamentos e ações humanas.

Eça de Queirós, na literatura portuguesa, foi um dos maiores representantes do movimento realista. Nascido em Póvoa do Varzim, foi um grande crítico social de seu tempo. Menos preocupado com caracterizações psicológicas, deu vida a inúmeros personagens caricatos de uma sociedade estagnada às glórias do passado, mentalidades atrasadas culturalmente, fechadas a avanços e desenvolvimentos. O autor percebeu a urgente necessidade de confrontar essas mediocridades sociais.

Filho de José Maria d'Almeida de Teixeira, juiz do supremo tribunal de justiça e de Carolina Pereira de Eça. Por motivos de desavenças familiares, foi registrado como filho de mãe desconhecida. Após os seus quatro anos, seus pais se casaram, até então tinha sido entregue aos cuidados de uma ama, após sua morte, passando a viver com sua vó paterna. Com o falecimento de sua avó é mandado a um colégio no Porto; dessa forma, sempre viveu longe de seus pais. No colégio, conhece o mestre Joaquim Costa Ramalho, pai de Ramalho Ortigão, aquele que viria a ser o seu grande amigo no futuro. Cursa Direito em Coimbra e já demonstra ideologias revolucionárias ao participar de protestos estudantis contra o autoritarismo na universidade. Conhece aí Antero de Quental e Teófilo Braga, iniciando daí sua carreira literária. Une-se a estes e forma um grupo de jovens intelectuais que receberá o nome de "geração 70".

Não se deslumbrando pela carreira das leis, dedica-se à literatura e ao jornalismo colaborando com vários jornais de Portugal.

Em 1872, Eça de Queirós torna-se cônsul e, paralelamente, publica contos, crônicas, romances. Entre estes, *O crime do padre Amaro*, o primeiro livro de sua trilogia de romances sob influência do Realismo/Naturalismo, seus escritos romanescos descrevem e atuam como críticas à sociedade lisboeta e suas instituições. Morre vítima de tuberculose em 1888, após a publicação de seu último romance: *Os Maias*.

*O primo Basílio* foi publicado em 1878, é considerada uma das mais importantes obras do período realista, em Portugal. Diferente de *O crime do padre Amaro*, neste romance, o autor focaliza o cotidiano urbano. Intenciona atingir à burguesia lisbonense. Considerado um romance de afronta, *O primo Basílio* surge com a responsabilidade de combater ideologicamente, a mediocridade e as falsas bases de uma sociedade hipócrita do século XIX. Através da construção de personagens controversos, levanta questionamentos a cerca da temática central da história: o adultério feminino.

Veio-lhe uma alegria: sentia-se ligeira, tinha dormido a noite de um sono são, contínuo, e todas as agitações, dos dias passados pareciam ter-se dissipado naquele repouso. Foi-se ver ao espelho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar – seria verdade então o que dizia a Leopoldina, que não havia como uma maldadezinha para fazer a gente bonita? Tinha um amante, ela! (QUEIRÓS, 2008, p. 122).

A obra é de grande valia para os estudos sociais, psicológicos, a compreensão dos gêneros. Eça de Queirós retrata a intimidade das famílias portuguesas e o funcionamento de instituições veneradas como o casamento, educação feminina, crenças religiosas, sistema patriarcal e outras.

Considerada inquietante, a obra escandalizou a sociedade conservadora da época; traz em sua narrativa, além das impiedosas críticas às famílias portuguesas, uma trama entrecortada de episódios eróticos, os quais alinhavam a atuação dos amantes Luísa e Basílio.

Os conflitos vivenciados em seu próprio cotidiano podem ter despertado no jovem Eça de Queirós, uma maior conscientização sobre a sociedade com quem convivia. Dono de uma visão diferenciada conseguia enxergar as mazelas que uma família poderia abrigar. No entendimento do autor, nem todos os casamentos seriam perfeitos, pois, os envolvidos no processo seriam pessoas complexas, donas de características próprias, comuns a todos os seres humanos. Essa compreensão não era compartilhada pelos habitantes da sociedade portuguesa do século em questão, uma vez constituído, o casamento se tornaria um laço eterno, perfeito e inseparável. A família deveria permanecer unida, mesmo que para isso fosse preciso esconder as desavenças em baixo dos luxuosos tapetes dos salões lisboenses.

## **2.1 EMMA E LUÍSA: MULHERES FICTÍCIAS, REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA REALISTA**

As personagens são um dos elementos primordiais na construção de uma trama da ficção, suas ações e todas as ocorrências que as envolvem são demonstradas no desenvolvimento narrativo.

Segundo Antônio Cândido (1976), enredo e personagem exprimem os objetivos da narração, visão de vida, significados e valores. Ou seja, mesmo não sendo o elemento mais importante na construção do romance, é o mais atuante e ganha mais destaque dentro da obra romanesca. Através desse

elemento o autor expressa seus pontos de vista, seus desejos por transformações e compreensão sobre os temas explorados na obra.

Sendo assim, podemos entender que as personagens possuem uma função importante dentro da trama, Benjamin Abdala (1995) nos ajuda a entender, por meio de seus estudos sobre os elementos para análise de romances, o mesmo mostra que personagens são seres que ganham vida no texto e criam essa ilusão através de artifícios da linguagem. Enfatiza ainda que o ser fictício comunica a impressão da verdade existencial.

Tanto em *Madame Bovary* quanto em *O primo Basílio*, constatamos o pensamento dos teóricos citados, as personagens Emma e Luísa transcrevem o posicionamento de seus criadores de uma forma convincente, o fictício se funde com o real no momento em que consegue influenciare modificar opiniões através dos tempos, perpetuando os pensamentos dos autores que lhes deram vida e as tornaram imortais.

Emma, uma jovem que morava com o pai em uma propriedade rural, se sentia infeliz e frustrada diante de sua existência monótona. Ao conhecer Charles, um médico provinciano que passa a frequentar a fazenda devido a doença de seu pai, enxerga a possibilidade de realizar os seus sonhos amorosos, estes a acalentavam desde que começara a se interessar pelos livros românticos. Após o casamento com Charles, vê-se em um relacionamento sem emoções, entediada e presa como sempre a uma vida insossa. Encontra nos braços dos amantes a paixão desenfreada que sempre buscou, ansiava viver o amor experimentado pelas heroínas de seus romances preferidos. Em meio a amores, dívidas e sofrimentos, a senhora Bovary encontra na morte a

saída para os seus problemas, envenena-se e morre sem nunca encontrar a felicidade almejada.

Esta síntese da história de Emma, em um primeiro momento, nos coloca frente a sua condição de desencantamento pelo cotidiano que levava. Mais a frente, faremos uma descrição detalhada a fim de entendermos, a partir de especificidades de sua personalidade, as decisões tomadas por ela no decorrer de toda a trama e dessa forma nos aproximaremos do psicológico da protagonista, tentando compreender suas ações, comportamentos, escolhas.

Considerada uma personagem redonda, a heroína Flaubertiana apresenta características intrínsecas, carrega em sua estrutura complexidades psicológicas, fenômeno este que dificulta a previsibilidade de seu comportamento.

## **2.2EMMA: SUA BUSCA, SEU IMAGINÁRIO**

Por ter perdido a mãe muito cedo, a moça vivia com o pai e alguns empregados. A garota desde tenra idade se torna responsável pelos afazeres da casa. Em sua primeira aparição na obra, surge tranquilamente cosendo, despreocupada pela perna fraturada do pai, motivo este que fizera o médico Charles Bovary chegar até a fazenda. Na cena os dois se encontram pela primeira vez e acontece o episódio em que Emma espeta o dedo na agulha de costura. O fato representou um mau presságio no casamento futuro que aconteceria entre eles, porém não deram nenhuma importância.

Emma tratava de costurar almofadinhas. Como ela levou muito tempo até encontrar seu estojo, seu pai impacientou-se; ela não respondeu, mas, ao costurar,

picava os dedos, levando-os a seguir à boca para chupá-los. (FLAUBERT,2010, p.24).

Apesar de notar sinais de maus tratos em suas mãos, resultado dos trabalhos manuais, penosas atividades da diária rural, seus olhos impressionaram o médico. Passam-lhe a ideia de um olhar franco, puro, apesar de castanhos. É interessante atentar para a palavra “apesar” na descrição dos olhos da protagonista. Denota que possuir olhos castanhos nesta época, significava estar fora dos padrões de beleza.

Charles ficou surpreso com a brancura das suas unhas. Eram brilhantes, finas nas pontas, mais limpas do que o marfim de Dieppe e cortadas em forma de amêndoas. As mãos, no entanto, não eram belas, talvez fossem muito pálidas e um pouco finas demais nas falanges; eram muito compridas e sem suavidade nos contornos. O que ela tinha de bonito eram os olhos; embora castanhos, pareciam pretos devido aos cílios, e seu olhar chegava a ele francamente, com uma ousadia cândida. (FLAUBERT, 2010, p.25).

O autor demonstra preocupação com detalhes físicos na aparência da jovem. Adiante ressalta seus cabelos que eram lisos e suas faces apresentavam cores rosadas. Esta última descrição aponta a saúde perfeita, rosto corado, sinal de boa saúde. Emma era uma mulher instruída; recebera educação em uma escola religiosa, sua formação passava pela dança, desenho, música, até às prendas domésticas. A sua inteligência e os seus conhecimentos logo despertaram a admiração de Charles.

Em uma conversa sobre a doença do pai, a jovem revela ao médico, não gostar da vida rural, transparece no diálogo a vontade de deslocar-se a outros ambientes. Por este motivo, evidencia-se em Emma traços de uma mulher da cidade, apesar de em seu corpo se encontrarem marcas da ruralidade.



Na segunda parte do romance encontra-se outra análise dos traços físicos da personagem; Neste episódio Bovary se observa diante de um espelho e se espanta com sua aparência, observa diferenças em seu rosto, percebe os olhos maiores e mais negros, em seguida segue ao encontro com seu amante Rodolphe.

Nos três parágrafos, nos quais acontece à análise da cena, percebe-se a genialidade de Flaubert diante das avaliações psicológicas de suas personagens, observa-se verbos como: espantar, olhar, relacionados as ações de Emma, prestes a viver uma experiência nova. Os olhos são descritos como negros, grandes e profundos, demonstrando uma sensação de beleza acentuada; ao se mirar no espelho deleita-se com o reflexo animado, encanta-se com a visão, repete para si que tem um amante. Os pensamentos de que desfrutaria em fim de uma experiência amorosa, recheada de êxtase, delírio e paixão. A lembrança das heroínas adúlteras dos livros lidos lhe vinha à mente, mas não a incomodava. Finalmente se transformaria em uma daquelas que invejara por tanto tempo. A leitura apontada pela personagem na trama é o romance de Paulo e Virgínia de Bernadin de Saint-Pierre. Suas leituras influenciaram sua a personalidade, modelos de felicidade, suas buscas.

Emma lera *Paul e Virginie* e sonhara com a casinha de bambu, com o negro Domingo, com o cachorro Fiel, mas, sobretudo, com a doce amizade de um bom irmãozinho que colhesse frutos vermelhos para ela nas árvores grandes, mais altas que campanários, ou que corresse de pés descalços pela areia trazendo-lhe um ninho de passarinho. (FLAUBERT, 2010, p.42).

Na compreensão de Maria Lúcia Del Farra (1988), tanto Emma quanto Luísa são resultados de suas leituras. Influência das leituras sobre o comportamento das personagens foi por muito tempo, tema de estudo da

literatura. Após o lançamento da obra de Gustave Flaubert, passou a se chamar “Bovarismo”.

Em meio a muitos conflitos, gerados a partir das dívidas contraídas para atender os luxos exigidos pelos desmandos com os amantes, Emma, diante do desespero vivido, encontra solução na morte. Assim como o casamento, a morte simboliza para Emma uma fuga de uma vida insatisfeita, apesar dos deslocamentos ao longo da trama tentando se encontrarem algum lugar. O espaço onde Emma consegue se identificar seria Paris; o paraíso que lhe permitiria concretizar suas idealizações românticas.

Nas passagens que descrevem sua morte, visualizam-se vocábulos, que indicam inquietudes por parte da personagem: relancear os olhos, se olhar no espelho, desprender lágrimas, deixar cair o espelho. Essas atitudes demonstram a observação da degradação de sua beleza. O espelho aparece na trama diversas vezes, significando a preocupação de Emma com relação a beleza. O espelho representa no texto a relação de Emma com a vaidade, esta sempre impulsionou suas ambições.

De fato, Emma olhou tudo em torno dela, lentamente, como alguém que acorda de um sonho; depois, com uma voz distinta, ela pediu o espelho e permaneceu debruçada sobre ele algum tempo, até a hora em que lágrimas grossas caíram-lhe dos olhos, então, deixou a cabeça cair para trás, soltando um suspiro, e caiu outra vez sobre o travesseiro. (FLAUBERT, 2010, p.312).

A religiosidade está presente no início e no final da vida da personagem principal. Quando jovem, no convento recebendo instrução No leito de morte, recebendo o padre para a sua última unção. Este episódio denota uma

expição por seus pecados, através dessa atitude, Flaubert demonstra o tom moralizante, próprio da escrita realista.

### **2.3 LUÍSA, MISTO DE INOCÊNCIA E SENSUALIDADE**

O casal Jorge e Luísa, no romance Queirosiano, representa a família burguesa de Lisboa. No decorrer da narrativa, ocorre a ausência de Jorge, este é engenheiro e muito se ausenta do lar, devido as suas viagens de trabalho. Dessa forma, Luísa se entedia em sua casa solitária, compartilha seus dias aborrecidos com a criada Juliana. Ao envolver-se amorosamente com seu primo, cartas de amor trocadas entre os amantes são encontradas pela serviçal, a mesma passa a chantagear a patroa. Vivendo em grandes tormentos, mesmo depois da morte de Juliana e do perdão de Jorge, A moça não supera o sofrimento e se entrega a morte. Luísa caracteriza-se como uma personagem plana, diferente de Emma, seu comportamento é previsível, suas ações são repetitivas, esperadas.

O cotidiano da personagem é cercado pela ociosidade em seus dias, no início da narrativa, a passagem descreve a sua preguiça matinal, estando ainda de roupão, significando que para ela a noite ainda não havia passado.

Ficara sentada à mesa a ler o diário de notícias, no seu roupão de manhã de fazenda preta, bordado à sutache, com largos botões de madrepérola; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e láctea das louras; com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates. (QUEIRÓS, 2008 p.5 ).

As características físicas e psicológicas da protagonista vão sendo apresentadas ao leitor a partir desse momento; cabelo louro, cabeça

pequenina, perfil bonito, pele branca, serena, calma, preguiçosa. Luísa apresenta traços apreciados pelos padrões europeus de beleza. Os verbos utilizados na trama como: ficara, ler, acariciar, passam a ideia de pouco movimento e lentidão.

A narrativa também destaca as leituras da personagem; com frequência lia as colunas sociais, já lera Walter Scott. Em segredo, lia *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, da literatura francesa.

Como no caso de Emma, as leituras feitas por Luísa têm grande relevância para auxiliar na compreensão do texto, através delas é possível compreender certas atitudes da protagonista. A personagem principal de *O primo Basílio* é considerada pelos estudiosos da temática como ingênuo; esta não consegue distinguir a realidade da ficção e espera realizar seus ideais românticos espelhando-se nos romances que lera. Segundo Maria Lúcia Del Farra (1998), Luísa também é vítima de suas leituras, esta é uma das críticas do movimento realista, os adeptos do realismo combatiam a forma restritiva como a mulher era educada, na maior parte dos casos, resumia-se à leitura dos romances românticos; povoavam as mentes femininas de amores extraordinários, felicidades inalcançáveis, fugas mirabolantes.

Era a *Dama das Camélias*. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos, entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que tem sobre as ogivas os brasões do clã, mobilados com arcas góticas e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver; e amara Ervandalo, Morton e Invanhoé, ternos e graves, tendo sobre o gorro a pena de águia, presa ao aldo pelo cardo de Escócia de esmeraldas e diamantes. (QUEIRÓS, 2008, P. 9).

No ato de trair o seu marido está à representação da ociosidade burguesa mesclada às leituras, como também a ausência de Jorge, desembocando para o final trágico, a morte da moça. Esta punição transcreve uma marca moralizante da estética realista, Luísa recebe a morte como um castigo, segundo estudiosos, devido a ter praticado atos abomináveis à sociedade portuguesa do século XIX. A moral e a integridade familiar eram bens deixados pelos pais como exemplos a serem seguidos. Neste trecho de uma conversa entre Jorge e Luísa podemos comprovar essa preocupação.

Minha querida filha, esta nossa casinha é tão honesta que é uma dor de alma ver entrar essa mulher aqui, com o cheiro de feno, do cigarro e do resto!...Má, diquestono parlaremopiú, o donna mia! À sopa! (QUEIRÓS, 2008, p. 20).

A costumeira tranquilidade é tocada diante da visita do primo Basílio, retornara de longa temporada, viajando pelo mundo. Esse é o primeiro momento na narrativa em que se percebe uma agitação no comportamento da jovem senhora; se mostra mais nervosa que o habitual. Encanta-se diante das histórias vividas pelo primo nos maravilhosos lugares por onde passara. Atentamente, Luísa remete a beleza desses lugares, àqueles que conhecia, através dos livros que lera. Esta atitude de Basílio era pensada e proposital, conhecia bem a personalidade sonhadora de sua prima, afinal foram namorados e confidentes. A astúcia do rapaz contribuiu para acontecer o adultério, na ingenuidade romântica de Luísa, a ficção poderia tornar-se realidade e como os amantes das histórias que lia, seria possível viver um romance arrebatador, e, como na história de seus heróis, viver eternamente feliz.

Depois falou muito de Paris; contou-lhe a moderna crônica amorosa, anedotas, paixões chiques. Tudo se passava com duquesas, princesas, de um modo dramático e sensibilizador, às vezes jovial, sempre cheio de delícias. E, de todas as mulheres de que falava, dizia recostando-se: era uma mulher distintíssima; tinha naturalmente o seu amante... (QUEIRÓS, 2008, p.87).

Uma particularidade punitiva ao comportamento de Luísa é o ato de a mesma ter os cabelos raspados em sinal de livrar-se das impurezas, vaidades, com eles foram embora juntamente a sua beleza e sensualidade. O cabelo na trama representa o mal, impedia que a água penetrasse e lavasse a luxúria que vivenciara, participara de todos os momentos de frenesi vividos ao lado do amante.

— Ouve lá, é necessário cortar-lhe o cabelo, e rapar-lhe a cabeça!

Jorge olhou-o com um ar estúpido:

— O cabelo? \_ E agarrando-lhe os braços: não Julião, não, hem? Pode-se fazer

Outra coisa. Tu deves saber. O cabelo não! Isso não, pelo amor de Deus! Ela

Não está em perigo. Para quê?

Mas aquela massa de cabelo era o diabo, impedia a ação da água! (QUEIRÓS, 2008 p.296,).

Após a concretização do ato de traição, a vaidade da amante se intensifica e lhe desperta ambições por bens como joias, móveis, roupas; esses objetos, em seu entendimento, lhe concederiam ascensão. Percebe-se mais uma vez a inocência da protagonista, passa a viver em um mundo de sonhos; fusão de sua realidade com o seu imaginário.

Juliana se encarrega de trazer-lhe de volta ao mundo real, nos momentos em que a ameaça, prometendo contar sobre seus encontros

extraconjugais ao seu marido. Dessa forma os sentimentos que a atormentam lhe definham e sugam-lhe a vida, mesmo conseguindo o perdão de Jorge, não sobrevive.

Uma das características em comum com a personagem Emma é a morte, de acordo com a degradação da beleza, a vida se esvaía, sua formosura servia de motivação e a impulsionava a buscar a felicidade.

Luísa morria: os seus braços tão bonitos, que ela costumava acariciar diante do espelho, estavam já paralisados; os seus olhos, a que a paixão dera chamus e a voluptuosidade lágrimas, embaciavam-se como sob a camada ligeira de uma pulverização muito fina. (QUEIRÓS, 2008, p.300).

No momento de sua morte Jorge resgata um apelido que lhe atribuíra quando a conheceu: pomba. O esposo via nela as qualidades desse pássaro: serenidade, alvura, simplicidade. No entanto, a simbologia maior é a sua relação com a liberdade. Em uma das passagens do romance, Luísa possui um canário preso em uma gaiola, é a sua situação naquele momento: um casamento bem sucedido nos aspectos sociais, financeiros, mais presa pelas amarras convencionais da sociedade. Ao se efetivar a morte, Luísa se faz livre, o autor usa o símbolo da pomba, pássaro livre, buscando fazer essa alegoria. Nas duas obras percebe-se a presença de símbolos, teóricos dizem que o recurso explorado nas narrativas pelos autores torna-se necessário pois, através destes, é possível compreender alguns comportamentos das personagens. Nas tramas descritas veem-se vários elementos pertinentes a esse assunto, mas alguns são mais marcantes e perceptíveis. O cabelo representa a sensualidade, a beleza, o mal, pois está relacionado com o pecado e a luxúria vivenciados pelas protagonistas. O espelho aparece em

diversas passagens nas histórias, remete à vaidade, aos reflexos na aparência, revelando desta forma os acontecimentos vividos pelas personagens, as alegrias e as tristezas após os encontros extraconjugais. O pássaro, em *O primo Basílio* tem dois significados, em um dos momentos representa uma gaiola de luxo, ou seja, uma prisão atraente, e ao final a libertação com a chegada da morte de Luísa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das propostas deste estudo foi a de mostrar a aproximação, caso existisse, entre as personagens Emma e Luísa. Nesta pesquisa nos preocupamos em analisar aspectos similares e distintos na obra, envolvendo as personagens da trama.

Um item de aproximação em ambas histórias é o espaço; em *Madame Bovary* encontramos uma Emma que sonhava com o deslocamento para outros lugares que a fariam feliz, no entanto, a personagem de Flaubert não se encontrou em lugar algum. No caso de Luísa, apesar de levar uma vida ociosa, se sentia tranquila, acomodada com sua rotina; desejando um filho para agitar os seus dias. Somente após volta de Basílio à sua vida, se vê tentada a fugir para Paris. Esse traço é comum às duas personagens. Possivelmente o motivo foi à sugestão contida nas leituras de seus romances de aventuras amorosas.

Outro traço de aproximação diz respeito às leituras das jovens. Emma lia *Paulo e Virgínia*, Luísa, *A dama das Camélias*. Repleto de aventuras romanescas, as peripécias dos amantes influenciaram o pensamento das leitoras quanto a banalidades, romances, adultério. Esses livros lhes proporcionavam libertar-se, ainda que momentaneamente, das convenções sociais. O hábito de ler romances, folhetins, colunas sociais, era próprio das burguesas; essas mulheres tinham muito tempo livre, isso lhes permitia ocupar a ociosidade de seus cotidianos.

Outro ponto percebido se refere ao adultério. Neste tema encontramos algumas distinções: o ato de traição para Emma tem a finalidade de fugir de seu casamento monótono e ir em busca de sua felicidade. Pelo fato de ter

contraído muitas dívidas com suas aventuras amorosas, Emma vê sua vida ir à ruína. Luísa não tem desejo de praticar adultério, os acontecimentos surgem com o acaso; o marido permanecia fora por muito tempo, paralelamente a este fato, Basílio reaparece. Como agravante, o rapaz era seu primo, fora seu primeiro namorado, não conseguiu resistir ao seu charme e poder de convencimento.

Mais um ponto encontrado é a questão ligada à vaidade; as duas protagonistas sentem a necessidade de mirar-se no espelho. Ambas percebem que ocorreram mudanças em suas aparências após as traições, o espelho refletia as transformações físicas e psicológicas.

Por fim destacamos o item que se refere à morte das transgressoras. Para elas a morte representa um ato de remissão pelos seus erros, forte característica da estética realista. No entanto, se vê uma diferença quanto às buscas. Emma, apesar de ser uma mulher estudada, decidida, inteligente, era muito insatisfeita com sua vida; busca na morte o meio de libertar-se, envenena-se por escolha própria. Já Luísa, sendo uma mulher delicada, insegura e até medrosa diante das diversidades, nunca buscou nada: O casamento, o adultério, a morte. Tudo veio com o acaso.

Ao final deste estudo, ficou-nos a compreensão de que a chegada do Realismo trouxe consigo uma proposta de mudanças necessárias ao crescimento humano. A sociedade dos séculos posteriores concretizaram as ideologias dos primeiros defensores do pensamento realístico. A visão questionadora de homens como Antero de Quental, Eça de Queirós, Gustave Flaubert, tem uma importante participação nas evoluções vividas pela humanidade. Barreiras como racismo, preconceitos contra a mulher, vêm

sendo derrubadas e superadas e isso se deve também a percepção de pessoas como eles, que souberam usar a sua arte para semear suas ideias, seus pontos de vista, e, o fértil terreno que utilizaram para iniciarem a sua plantação, foi a literatura.

A mulher em vários períodos da história se percebeu discriminada e tida como um ser inferior, para comprovar essas teorias, várias questões eram levantadas e discutidas, alusivas ao ser feminino e suas limitações aparentes. Em seu livro “História da sexualidade” Foucault (2005), disponibiliza dados e fundamentos que fortalecem e asseguram sua tese sobre sexualidade enquanto construção social e histórica. Ou seja, As questões que envolvem sexualidade e gênero não são apenas pessoais e sim políticas e sociais e estão diretamente relacionadas com a maneira como a sociedade se organiza e se percebe enquanto grupo social e cultural. Em seus estudos Foucault (2005) se posiciona contra aos pensamentos que defendem a naturalização da sexualidade embasada em traços biológicos. Para o estudioso este mecanismo auxilia o aparecimento de discursos morais, religiosos, sobre comportamentos com a finalidade de moldar os corpos, ao que Michel Foucault (2006) denominou de “sociedade disciplinar”, ou seja, a tentativa de impor regras, moralidades, exercendo poder sobre o sujeito, fechando as fronteiras onde indivíduos possam enxergar outros caminhos que lhes possibilitem novas perspectivas de escolhas e mudanças.

Nos romances *O primo Basílio* e *Madame Bovary* percebe-se o ato disciplinador referente às personagens principais das narrativas. Tanto Emma quanto Luísa foram massacradas por suas ações e comportamentos considerados reprováveis pela sociedade da época. No entanto, os mesmos

atos abominados pelos habitantes do período eram praticados de forma disfarçada e contínua por estes, pregavam uma moralidade inventada que existia apenas para fortalecer as falsas bases sociais, reinando o fingimento acima de tudo, com o objetivo de perpetuar a perfeição e a santidade de uma sociedade hipócrita, sendo assim, eram atores empenhados em camuflar as mazelas cotidianas, especialistas em interpretar uma realidade idealizada e disfarçada.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Introdução à análise da narrativa. São Paulo: Scipione, 1995.

BELLINE, A.H.C. Leituras de Luísa. Encontro internacional de Queirosianos. São Paulo, v.03, n.01, p.522-532. 1997

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo, Editora Cultrix, 34ª edição

COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. 5ª edição. São Paulo: Global, 1999.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Eça, educador e aprendiz: prefácio in: QUEIRÓS, Eça de. O primo Basílio, São Paulo: Ática, 1998, p.8

FLAUBERT, Gustave. 1821-1880, Madame Bovary/Gustave Flaubert; tradução IlanaHeineberg. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

FOUCAULT, Michel, História da sexualidade 1:A vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel: Microfísica do poder. Riode Janeiro: Graal 2006.

MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa através dos textos, 23ª edição. São Paulo: Cultrix, 2004.

NASCIMENTO, José Leonardo. O primo Basíliona imprensa brasileira do século XIX: estética e história. São Paulo: editora UNESP. 2008.

PROENÇA Filho, Domício. Estilos de época na literatura. São Paulo: Ática, 1984.

PROENÇA, FilhoDomício Proença. Estilos de época na literatura. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2001

QUEIRÓS, Eça de. O primo Basílio/Eça de Queirós – São Paulo: Nobel. 2008.

SACRAMENTO, Mário. Eça de Queirós: uma estética da ironia. Prefácio de Carlos Reis. Lisboa: imprensa nacional – Casa da moeda, 2002 {1 ed:1945}. P.139.

SARAIVA, Antônio José. Iniciação a literatura portuguesa/Antônio José Saraiva. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

VICENTE, Gil. Farsa de Inês Pereira/auto da barca do inferno/auto da alma. São Paulo: Martin Claret, 2009.